

Divida Externa GAZETA MERCANTIL 14 ABR 1987

Todo apoio necessário à frente dos devedores

Herbert Levy (*)

A posição brasileira em relação ao tratamento político que deve ser dado ao problema da dívida externa — os devedores discutindo-o com governos, institutos internacionais e banqueiros, simultaneamente — parece ter recebido o apoio dos 24 países em desenvolvimento reunidos em Washington.

Isso quer dizer que uma frente dos devedores, para defesa dos seus interesses comuns de desenvolvimento econômico e maior assistência social aos seus povos, começa a tomar corpo, fato importante no momen-



to em que o problema da dívida externa se vai impondo como de solução inadiável.

Estadistas americanos e europeus compreendem que a própria sobrevivência da democracia e das liberdades individuais na grande área das nações em desenvolvimento está em causa.

O ministro da Fazenda reabilita-se, desse modo, das omissões indiscutíveis que ocorreram nos últimos dois anos em relação à negociação da dívida externa, o que motivou uma sangria de recursos que fazem muita falta ao programa de investimentos no plano econômico e social. Também conseguiu melhorar sua posição de negociador com o apoio manifestado tanto no plano político, pelo PMDB,

partido majoritário, quanto por parte dos líderes empresariais às novas diretrizes da política econômica do governo. Essas devem ser definidas em prazo curto para um julgamento definitivo da opinião pública.

Essa condição de reforço de autoridade era imprescindível ao ministro da Fazenda, tradicionalmente o negociador principal no plano econômico internacional.

Nessas condições não se chega a entender o pronunciamento, por todos os títulos inoportuno, de alguns governadores reunidos em São Paulo, que procura tirar o chão debaixo dos pés desse principal negociador brasileiro, na hora crucial em que dirigentes financeiros de todo o mundo com-

parecem à reunião do FMI, em Washington.

E a adoção, pelo governador hospedeiro, de críticas hostis também ao ministro das Minas e Energia e ao presidente do PMDB, figuras ambas respeitáveis, que dão respaldo político e moral ao governo, põe à tona interesses políticos pessoais contra personalidades da mesma área política que lhe possam fazer sombra em seus projetos políticos, tudo com um toque de deselegância de reduzido nível.

Sob esses dois aspectos, portanto, o conclave revelou-se negativo e inconveniente, o que é surpreendente, considerando as qualidades políticas e pessoais de alguns dos participantes. Na atual conjuntura devem os cidadãos cons-

cientes unir-se para que o Brasil alcance os resultados necessários para revitalizar a economia e a sociedade e consolidar as instituições.

Passo importante para isso é a frente dos devedores que começa a esboçar-se por provocação do Brasil. Esse é o caminho certo, pois a moratória unilateral constitui medida sob vários aspectos negativa, deixando-nos mal situados no plano internacional, apesar das razões válidas, tanto de ordem material quanto moral, para obtermos uma ampla revisão no programa da dívida que leve em conta os legítimos interesses do País.

(*) Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.